

## A Sinodalidade na Capela do Rato

Ao longo deste caminho, apesar da época complicada que vivemos, ou se calhar até por ela, todos sentimos a alegria de passar de um conceito abstrato de sinodalidade a uma experiência concreta que nos fez abrir horizontes de esperança e sonhar com a Igreja que queremos para o futuro. Desta experiência coletiva sai reforçado o sentido da dignidade de todos os batizados e o sentido de pertença à Igreja, que não é apenas feita de sacerdotes e bispos.

Caminhar juntos como Povo de Deus requer reconhecer a necessidade de uma contínua conversão, individual e comunitária. Todos são chamados a tomar parte nesta viagem, ninguém é excluído.

Uma igreja sinodal constrói-se à volta da diversidade. Como morada ampla, não homogénea, capaz de dar abrigo a todos no seu interior. Uma morada aberta que dá liberdade à entrada e à saída. A Igreja é diversa na unidade, afirmando-se o valor de todas as vocações e carismas. Por isso, um modelo sinodal aponta para a desestruturação do poder piramidal, que privilegia as gestões unipessoais, prejudica as relações fraternas e promove a rigidez. Pensamos que todos, nesta comunidade, sentimos o apelo de formas de exercício da missão que sejam relacionais e colaborativas, que gerem solidariedade e corresponsabilidade. Pensamos que todos queremos passar de uma visão de Igreja construída à volta do ministério ordenado para ir em direção a uma Igreja “toda ela ministerial”. Por isso convocamos todos à participação.

Na nossa síntese identificámos seis núcleos de reflexão e trabalho, que traduzem 6 dimensões que se entrecruzam entre elas numa dinâmica sinodal que favorecer a partilha de experiências, a troca de dons e a possibilidade de novas opções pastorais. São elas:

- *Uma comunidade Sinodal* (síntese entre um conselho pastoral e estrutura sinodal permanente)
  - Este conselho deve ser lugar de inclusão, diálogo, transparência, discernimento, avaliação e responsabilidade de todos. Não apenas um núcleo consultivo, antes um lugar em que se tomam decisões com base em processos de discernimento comunitário.
  - Deste núcleo espera-se transparência, responsabilidade e corresponsabilidade, com vista a gerar confiança e credibilidade.
- *Uma comunidade que celebra* (liturgia)
  - Existe um profundo vínculo entre sinodalidade e liturgia. A liturgia, particularmente a eucarística é “fonte e cume da vida cristã”, reúne a comunidade, torna tangível a comunhão, permite o exercício da participação e nutre com a Palavra e os Sacramentos o impulso para a missão.
  - Por isso, este núcleo zelará, também mas não só, pela prática de um estilo sinodal de celebração litúrgica que utiliza uma linguagem compreensível por todos, que permite a participação ativa de todos os fiéis, que valoriza todos os ministérios e que reconhece todos os carismas.
- *Uma comunidade que reza* (oração)
  - Uma nova visão tem de ser alicerçada numa espiritualidade que permita enfrentar os desafios da sinodalidade, sem os reduzir a questões meramente técnico-organizativas. Antes vivendo este caminhar juntos como ocasião de escuta do Espírito Santo e encontro com o Senhor. Mas sem oração o Espírito não está presente e sem a presença do Espírito não há sinodalidade. Então, a oração e o silêncio não podem estar à margem da nossa comunidade. Eles são parte integrante da sinodalidade e do discernimento comunitário.
- *Uma comunidade para todos* (acolhimento)

- Todos temos de aprender a escutar como modo de renovar a missão evangelizadora à luz dos sinais dos tempos. Só assim podemos oferecer a possibilidade de todos se sentirem acolhidos e protagonistas, seguindo o lema *Uma Igreja para Todos*.
- A escuta exige uma ampla e profunda conversão das atitudes e das estruturas, bem como de novos modelos de acompanhamento pastoral. O acolhimento deve ser repensado à luz das necessidades das pessoas com deficiência e deve ser um convite à escuta daqueles que sentem excluídos da Igreja, nomeadamente dos divorciados recasados, das famílias monoparentais e das pessoas LGBTQ+.
- *Uma comunidade que cresce (a pensar no futuro)*
  - Pensar no futuro é pensar uma comunidade que dá voz ao sonho de uma Igreja capaz de se deixar interpelar pelos desafios do mundo de hoje e de amanhã.
  - É escutar mais os mais jovens, que não sentem reconhecidos nos seus dons e nas suas capacidades, que não se sentem acolhidos nas suas dúvidas, anseios e inquietações.
  - É fomentar mais encontros informais entre a comunidade e, assim, fortalecer os laços de confiança que estão na base do reconhecimento de sermos todos seres interdependentes e corresponsáveis uns pelos outros.
  - É formar continuamente com vista à sustentação de uma cultura sinodal. Não se trata simplesmente de oferecer competências técnicas ou metodológicas específicas. A formação para a sinodalidade cruza-se com todas as dimensões da vida cristã – as dimensões pessoal, espiritual, social, teológica e prática. É necessário incorporar na vida cristã uma formação contínua e permanente para por em prática a sinodalidade, amadurecer e crescer na fé, participar na vida pública, fazer crescer o amor e a participação dos fiéis na Eucaristia, assumir ministérios estáveis, exercer uma real corresponsabilidade.
- *Uma comunidade virada para o mundo (sociedade)*
  - Num impulso para a saída em Missão, a comunidade pretende dinamizar o diálogo com a sociedade, valorizando a arte e a cultura como linguagens de mediação para a dimensão espiritual.
  - Mas um processo sinodal não é completo sem encontrar os irmãos das outras denominações e confissões, partilhar e dialogar com eles, comprometendo-nos em ações comuns.

Estamos em crer que estes grupos, para além dos que já existem em trabalho na Comunidade, acomodam todo o caderno de encargos explícito na nossa síntese, mas se, por ventura, houver uma proposta diferente quanto à forma ou substância dos mesmos, pf partilhem, pois tudo está em aberto para receber o vosso contributo.

Estamos cientes que pensar estas estruturas, que acolhem a diversidade num percurso sinodal, pode fazer surgir uma série de tensões, das quais não devemos ter medo. Devemos antes integrá-las num processo de discernimento comum constante, de modo a aproveitá-las como fonte de energia. Estamos em crer que esta visão evita duas das principais tentações que se podem apresentar: 1) a de permanecermos prisioneiros dos conflitos, perdendo o sentido de conjunto, de comunidade, e fragmentando-nos em sub-identidades. E a de 2) nos distanciarmos espiritualmente das tensões que existem, optando por percorrer um trajeto individual sem haver um compromisso com quem é companheiro deste caminho.

Uma espiritualidade sinodal acolhe as diferenças, promove a harmonia e tira das tensões a energia para prosseguir no caminho. Para isso se deve passar da acentuação da dimensão individual para a coletiva: de uma espiritualidade do eu para a espiritualidade do nós, que valoriza a contribuição de cada um.